A PRESENÇA DO PNLL APÓS UMA DÉCADA: RESSONÂNCIAS SOBRE O MERCADO EDITORIAL DE CAXIAS DO SUL / RS

THE PRESENCE OF PNLL AFTER A DECADE: RESONANCES ON THE EDUCATIONAL MARKET OF CAXIAS DO SUL / RS

Caroline de Morais[1]

RESUMO: O presente estudo faz uma análise dos objetivos, princípios norteadores e eixos de ação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), observando a relação com as editoras. Para justificar as ações propostas, fundamentou-se no Caderno do PNLL (2014), que traz o histórico e o desempenho do Plano ao longo dos anos. Desse modo, investigou-se em especial o quarto eixo, que aborda a economia do livro, a fim de averiguar diretamente o setor editorial. Como instrumentos de pesquisa, entrevistaram-se dois editores para compreender como a aplicação do Plano Nacional do Livro e Leitura, que tem mais de uma década, está presente nas editoras menores do interior do estado. Nesse sentido, exploram-se o mercado editorial e a cadeia produtiva do livro sob os estudos de Earp e Kornis (2004; 2005). Diante dessa situação, reflete-se sobre a importância da leitura e do leitor, que estão associados diretamente ao livro.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. PNLL. Economia do Livro.

PALAVRAS INICIAIS

A leitura é vista como uma ferramenta essencial para qualquer pessoa, uma vez que ela transforma e proporciona melhores oportunidades para viver. Geralmente, é na escola que se tem o primeiro contato com os livros e com o mundo da escrita, em que se descobre o gosto e o prazer de ler. Por isso, a leitura é tão significativa para a vida profissional, condicionando muitas vezes o ambiente de trabalho.

A promoção da leitura é obrigação de todos, pois dominar a escrita e a leitura tornam-se item básico para uma vida mais digna. Conforme Candido (2011), a leitura literária é um bem essencial, assim como a moradia e a alimentação, porque é por meio dela que o homem formará seu estado espiritual. Dessa maneira, a literatura é compreendida como humanizadora, segundo Candido (2011, p. 188): "[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita

[1]Doutora em Letras. Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. Especialista em Educação a Distância. Graduada em Letras. Atua como docente do Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT), no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Vacaria.

sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza".

A humanização e a formação cidadã são um dos focos do PNLL (Plano Nacional do Livro e Leitura). O Plano, que já ultrapassa uma década, mostra direcionamentos e ferramentas para o fomento da leitura e do livro, no entanto, as ações expostas não se esgotam, sendo necessárias novas atividades e novos projetos de maneira constante. As intervenções devem partir dos governos, dos editores, das escolas, enfim, de qualquer entidade que queira estimular a leitura. De acordo com Belo (2016, p. 198), "[...] cabe a nós, cidadãos e cidadãs, exigir o cumprimento dele e contribuir, enquanto sujeito ativo no processo, com ações afirmativas que se somem à concretização dessa política pública." Diante da amplitude do Plano, ele é usado como base e referência para diversos estudos e pesquisas interessados na leitura e no livro.

Em razão dessa perspectiva, o presente artigo quer contribuir no incentivo à leitura, abordando o mercado editorial, em específico as editoras de Caxias do Sul (RS). Logo, investiga-se em que ponto as diretrizes do PNLL estão firmadas na rotina e nas vendas, ou ainda, como os programas governamentais de incentivo à leitura agem com editoras do interior do estado e com capacidades inferiores, se comparadas a editoras das capitais.

Então, trabalha-se com base na economia do livro, que é explorada no quarto eixo do PNLL, setor relevante para a divulgação do livro e, por conseguinte, para a promoção da leitura. Em conjunto, examina-se a cadeia produtiva do livro, que demonstra como cada recurso envolvido na produção do livro se mantém e se relaciona com os demais. É por intermédio desse sistema que se tem conhecimento de toda a produção até chegar ao leitor.

O domínio do livro e da leitura está em permanente mudança, da mesma forma que o leitor, que não se contenta com qualquer livro. Dessa maneira, espera-se que o editor esteja atento e vinculado aos leitores, considerando que eles são interessados por assuntos distintos. Para o editor essa situação é vista como provável problema, incumbindo-lhe encontrar os leitores interessados nos títulos que produz, com a finalidade de efetuar as vendas.

Para este estudo foram entrevistados dois editores de Caxias do Sul, com o propósito de obter informações sobre o mercado editorial e a relação que a editora

possui com a leitura e os programas governamentais. O Editor A é proprietário de uma grande livraria na cidade e de uma editora, há mais de 30 anos no mercado livreiro, sendo motivador de escritores da região. O segundo editor entrevistado (Editor B) é proprietário de uma editora de reconhecimento nacional, com cerca de 15 anos no mercado. A editora possui página na internet com diversas informações que promovem a leitura, os autores e os leitores, os quais podem participar em diferentes ambientes virtuais.

O estudo teórico dos documentos do PNLL somado à prática exposta pelos editores torna possível a execução desta pesquisa. Além dessas informações, busca-se fundamentação em outras ferramentas na área do mercado editorial e consultam-se resultados divulgados pelo sindicato dos editores, demonstrando como estão as vendas e o mercado econômico do livro. Portanto, pode-se averiguar a situação do editor perante o mercado e os leitores.

A SUSTENTAÇÃO DE UM PLANO DA LEITURA

A leitura é um dos princípios que fortalece o indivíduo para que ele enfrente as situações impostas pela sociedade. Sobre essa importância, o PNLL acredita em uma política pública direcionada para a promoção do livro e da leitura, com criação em 2006, oportunizando as ferramentas para sociedade leitora e promovendo o acesso aos bens culturais presentes no País.

O Plano visa atingir dimensões maiores, abrangendo uma política pública no que tange aos governos estaduais e municipais, dessa forma, envolvendo todas as esferas a fim de sustentar o Brasil como um todo. Assim, completa-se mais de uma década de produção e direcionamento para o setor livreiro e para a vivência da leitura, mas ainda há muitas ações a serem desenvolvidas nesse domínio. Em 2011, o PNLL foi instituído por meio do decreto nº 7.559, determinando que "[...] consiste em estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no País." (BRASIL, 2011, art. 1º).

A história, os princípios e os objetivos do PNLL estão publicados em material disponibilizado no *sítio* do Plano, nomeado de Caderno do PNLL, com edição atualizada e revisada no ano de 2014. O arquivo traz a base das diretrizes do Plano,

que são estabelecidas pela "[...] necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável." (CADERNO DO PNLL, 2014, p. 2). A partir da base concretizada, o Plano trabalha com quatro eixos norteadores:

> 1. Democratização do acesso ao livro;
> 2. Formação de mediadores para o incentivo à leitura;
> 3. Valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico;
> 4. Desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. (CADERNO DO PNLL, 2014, p. 3).

É sobre o último eixo que se detém este estudo, refletindo sobre a economia do livro e como o PNLL articulou esse eixo na primeira década de existência. Sabe-se do estudo e dos constantes encontros para a elaboração do PNLL, envolvendo os diversos setores que compõem a cadeia produtiva do livro, demonstrando que há preocupação com o andamento e com a concretização das atividades. Um elemento favorável é o de que os dois editores entrevistados confirmaram ter conhecimento sobre o Plano.

Ao tratar especialmente do quarto eixo, acerca da economia do livro, ressalta-se a atenção dada ao mercado editorial. As justificativas para o prosseguimento do Plano estão amparadas pela redução do analfabetismo, pela necessidade de que os jovens leiam e compreendam o que é lido, pela melhor competência de leitura dos jovens universitários, entre outros expoentes de avaliação como o Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que demonstram a intensa carência material dos estudantes brasileiros. Outros elementos que motivam o PNLL são: as bibliotecas, como um equipamento cultural; as livrarias; o mercado editorial e os estudos direcionados à leitura. Em suma, todos os fatores expostos contribuem no aspecto de que "[...] quanto mais acesso aos livros, mais os jovens se mostram abertos a vivenciar uma experiência positiva com a leitura em suas múltiplas plataformas e possibilidades." (CADERNO DO PNLL, 2014, p. 13).

No âmbito governamental, o PNLL ressalta a importância de políticas públicas bem estruturadas e interligadas com Planos Estaduais e Municipais. A continuidade

e a seriedade de programas que envolvem a leitura são importantes para a formação de leitores com domínio de leitura e escrita. O PNLL apresenta objetivo central para uma Política de Estado, de caráter amplo, com a função de "[...] assegurar e democratizar o acesso à leitura, ao livro, à literatura e às bibliotecas a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis para que o ser humano possa desenvolver plenamente suas capacidades [...]" (CADERNO DO PNLL, 2014, p. 23).

Para a promoção do livro e da leitura os editores entrevistados se posicionam de maneira satisfatória e engajada. O Editor A trabalha com projetos contando com a presença do autor e com a promoção de contação de histórias, ocorrendo a divulgação dos livros da própria editora, de acordo com a faixa etária, aproximando os estudantes dos escritores. Essas atividades ocorrem nos três estados do sul, visto que a editora tem parceria com diferentes livrarias, promovendo os escritores e as obras para a região sul.

O Editor B também está envolvido em políticas de promoção da leitura, por meio do projeto em que a cada livro comprado, outro livro é doado, prática que é permanente na editora. Além disso, a editora possui parceria com diferentes blogueiros que ajudam a distribuir esse material. A editora inclusive já produziu uma tiragem de livros especialmente para doar a uma instituição, com a finalidade de que os exemplares fossem vendidos pela instituição, revertendo fundos monetários.

O Caderno do PNLL (2014) menciona eixos e linhas de ação para que todos os setores possam se envolver com o livro e a leitura de maneira integrada. Os eixos contemplam o acesso, a leitura e a mediação, o valor simbólico da leitura, a produção intelectual e o desenvolvimento nacional. Diante disso, observa-se a menção para a distribuição de livros gratuitos, fator que movimenta e promove o mercado editorial com os livros distribuídos pelo governo para as escolas públicas. Outro eixo trabalha com a mediação, ressaltando a importância de pesquisas e estudos voltados para a cadeia do livro e para as políticas públicas. Por fim, o último eixo aborda o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro, auxiliando todos os envolvidos com a sua produção. Assim, o crescimento dá-se por intermédio das

> Linhas de financiamento para gráficas, editoras, distribuidoras e livrarias e para a edição de livros. Programas governamentais de aquisição que considerem toda a cadeia produtiva e os interesses das práticas sociais de

> leitura no País. Programas de apoio às micro e pequenas empresas. Fóruns sobre políticas do livro e da edição. Programas de formação para editores, livreiros e outros profissionais do mercado editorial. Programas para ampliação das tiragens, redução de custos e barateamento do preço do livro. Programas de apoio ao livro universitário. (CADERNO DO PNLL, 2014, p. 32).

Com isso, investiga-se se os programas de formação de editores e dos profissionais que compõem o mercado editorial são efetivos. Em entrevista, os editores indicaram algumas operações que envolvem o setor livreiro. O Editor A diz que já participou de eventos nacionais, como por exemplo a Bienal do Livro, com excelentes palestras. O Editor B participa de iniciativas, como o Programa Agir, do SEBRAE (RS) e participa do Clube dos Editores do Rio Grande do Sul. Por fim, a editora está presente em Feiras do Livro; é associada à Câmara Rio-Grandense do Livro; possui parceria com a *Publish News*; participa de cursos, congressos e oficinas do meio editorial, com o intuito de se renovar.

Os bons resultados sobre a leitura são indicados pelo *PNLL en foco,* estudo desenvolvido pela Organização de Estados Ibero-Americanos (2017). José Castilhos Marques Neto, Secretário Executivo do PNLL de 2006 a 2011 e de 2013 a 2016, reconhece que durante os primeiros dez anos do Plano apresentaram-se realizações e conquistas, por um lado, e problemas e frustrações, por outro.

A Comissão Nacional de Biblioteca (CONABIP) questiona o Secretário com a seguinte pergunta: “Por que um país de leitores? Por que a leitura como política pública no século XXI?”. Um trecho da resposta esclarece que “Formar leitores plenos significa formar cidadãos com habilidades plenas, cientes de seus direitos e deveres, habilitados para a compreensão de si mesmo e dos outros, detentores da capacidade de criticar e construir alternativas que levem em conta a imaginação e a razão.” (ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2017, p. 8). Logo, entende-se que, para o progresso do Brasil, faz-se necessário que o cidadão seja leitor a fim de ocupar e reivindicar seus direitos. Essa resposta está em consonância com os estudos de Candido (2011), que defende a literatura como bem incompressível.

No mesmo estudo desenvolvido pela Organização de Estados Ibero-Americanos (2017), Zoara Failla, coordenadora da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, ressalta que o PNLL foi prejudicado pela “descontinuidade nos governos e na sua coordenação [...] comprometendo o cumprimento de metas [...]”

(ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS, 2017, p. 18). Portanto, o PNLL possui diretrizes e orientações, servindo de guia para as políticas do livro e da leitura, por abranger esferas que envolvem tanto o livro, quanto a leitura, mas, seu sucesso está condicionado aos investimentos e à atenção dos poderes públicos.

A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2016) registra que "Leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses." (FAILLA, 2016, p. 184). De acordo com essa definição, em 2015, foram mensurados 56% de leitores, equivalendo a uma estimativa de 104,7 milhões de pessoas, ou seja, aumentando o número de leitores no Brasil. Para esses leitores, a principal motivação de ler é por gostar de ler, sendo respondido por 25% dos entrevistados. O tema ou assunto são os critérios que se destacam na hora de escolher um livro, logo, essa resposta serve como informação relevante para os editores que precisam conhecer o gosto do leitor com a finalidade de promover seus livros. Além disso, outro fator é que a principal forma de acesso aos livros, segundo a pesquisa, é por intermédio da compra em lojas físicas ou pela internet, com 43%. Assim, tem-se um número considerável de leitores que frequentam e buscam seus livros em livrarias.

Diante dessas pesquisas, verificam-se como os leitores, os livros e a leitura estão em fase de crescimento, e, acredita-se que essa elevação influenciará diretamente na economia do livro e do setor livreiro. Com as diretrizes do PNLL e com a promoção da leitura nota-se o mercado editorial e a cadeia produtiva do livro como elementos relevantes para o incentivo e o aprimoramento do livro, que gradualmente está encontrando mais leitores.

Para o Editor B, o foco de qualquer editora deve ser no leitor, no que ele quer ler, e não ficar engessada aos programas governamentais, como se fosse dependente do auxílio financeiro por ter livros comprados pelo governo. Segundo o Editor B, o interessante é apresentar uma proposta de valor para o leitor a fim de que ele entenda que vale a pena pagar o valor estipulado pelo livro que deseja. Em outras palavras, o editor não quer que sua editora esteja subordinada aos benefícios do governo, como uma fonte de renda, pois quer manter um bom relacionamento com o público leitor.

O MERCADO EDITORIAL E A CADEIA DO LIVRO

Por se trabalhar com a economia do livro, pensa-se diretamente na cadeia produtiva do livro, que é composta pelos elementos que formam e estruturam o livro. Dessa forma, escritores, editores, livreiros, gráficas, distribuidores, administradores, profissionais do livro, são alguns dos integrantes. Assim, ao analisar o envolvimento das editoras com as políticas de leitura, atingem-se outros componentes pertencentes à cadeia do livro.

Um dos primeiros estudos sobre a economia do livro é de autoria de Earp e Kornis (2005). Conforme os autores, a oferta global do livro é maior, se comparada à pouca capacidade de absorção do consumidor, sendo este um dos problemas permanentes da economia do livro. Em outras palavras, os leitores não possuem tempo hábil para ler tudo o que é produzido diariamente pelas editoras.

O livro é reconhecido como um bem barato para a produção, sendo que um único livro de sucesso, com boas vendas, pode pagar e suprir os gastos de centenas de outros livros que não tiveram a mesma repercussão. Earp e Kornis (2005) salientam que o interesse da maioria das editoras está em atingir os pequenos grupos de leitores, levando títulos que os conquistem. Dessa forma, as editoras trabalham com grupos menores, cada um com uma preferência, alcançando diferentes leitores ao mesmo tempo, por consequência, lançando novos sucessos em vendas, um para cada grupo. Com isso, o objetivo principal das editoras não é atingir todos os leitores ao mesmo tempo, mas trabalhar com os grupos específicos.

Os autores ainda ressaltam que as bibliotecas e as livrarias, por mais que tentem, jamais conseguiram oferecer todos os livros existentes, sendo que o estoque precisa ser atualizado e não é comum possuir diversidade sobre todos os assuntos. Nesse sentido, é preciso determinar os assuntos em que se irá investir. Portanto, nenhuma livraria ou biblioteca tem domínio de tudo, sendo extremamente completa, por ser praticamente impossível.

Segundo Earp e Kornis (2005), a cadeia produtiva do livro é formada por setores como: autor, editora, gráfica, produtor de papel, produtor de máquinas gráficas, distribuidor, atacadista, livreiro e bibliotecário. Diante disso, os autores assimilam o mercado do livro por duas relações: entre editor e livreiro e entre varejistas e consumidores. Então, o mercado do livro precisa do empenho inicial do editor para chegar até ao consumidor final.

Na presente pesquisa, sobre os custos, o Editor A explicou que antigamente eram produzidas tiragens com três mil livros e que, atualmente, o máximo produzido é de mil livros, porém o que predomina são tiragens de quinhentos exemplares. Isso devido ao longo período que o livro demora a entrar no mercado, ficando muito tempo armazenado, gerando custos altos. Por isso, tiragens menores têm o custo de armazenamento e outros gastos reduzidos, e, em contrapartida, o custo unitário será maior, de modo que o leitor sentirá essa diferença de valor.

O Editor B, quando questionado sobre os custos do livro, diz não baratear os custos de produção, em vista de manter a qualidade do livro. A editora busca entender a relevância de cada gasto para quem está comprando e, em vista disso, leva-se em consideração a capa dura ou flexível, por exemplo. Para a editora, o que realmente importa é satisfazer o leitor e dispensar apenas o que não é essencial do ponto de vista do leitor.

A diferença de preços encontrada em livros encadernados, brochuras ou de bolso se justifica pelo valor de custo de cada um, visto que esse acréscimo, geralmente, é repassado ao consumidor, reforçando o que foi abordado pelo Editor A. Porém, quando o material é desenvolvido e vendido aos governos, apresenta-se um diferencial de valores e de quantidades, em detrimento da vasta tiragem.

Os autores Earp e Kornis (2005) constatam que as vendas efetuadas para os governos dão uma relevante alteração na quantidade de livros vendidos, entretanto, esse processo se dá com um valor mais abaixo do vendido ao consumidor. Devido à grande quantidade, o governo consegue impor essa redução de valores para efetuar suas compras. Em virtude desse procedimento, o valor pago pelo governo não cobre nem os gastos de produção, mas movimenta o mercado editorial. Segundo a pesquisa, a diferença monetária conquistada pelo governo é cobrada dos estudantes das escolas privadas.

O governo destaca-se no mercado editorial, principalmente, pelas compras de livros didáticos, através do PNLD, sendo um programa significativo para as grandes editoras, na condição financeira. A dimensão tomada pelos programas governamentais entende que

> A participação do governo como comprador dá-se por meio de dois programas. O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), e o Programa Nacional de Biblioteca na Escola, ambos financiados pelo Fundo Nacional

> de Desenvolvimento da Educação. Dos dois, o que possui maior impacto é o PNLD, que é responsável por pelo menos 20% do faturamento total das editoras, mas no caso particular do sub-setor livro didático pode alcançar 50% do faturamento e 60% dos exemplares vendidos. (EARP; KORNIS, 2004, p. 14).

Essa aproximação; entre programas governamentais e editoras confirmam altos índices de vendas, em vista do número de exemplares vendidos. Logo, o governo movimenta consideravelmente a economia do setor, comprando materiais dos subsetores didáticos e obras gerais. Paulani (2016, p. 129) afirma que "[...] as vendas feitas pelas editoras ao Governo, que, no Brasil, é um comprador de peso, fazendo diferença significativa principalmente no subsetor de Didáticos, mas com grande importância também no subsetor de Obras Gerais." Essas vendas são justificadas pelos programas PNLD e PNBE.

O Editor A afirma que os programas governamentais apresentam preferência por grandes editoras, sendo que as menores, como a dele, não têm seus livros adquiridos pelos programas. Mesmo fazendo a inscrição de materiais em conformidade com os editais, nunca tiveram essa oportunidade. Para o Editor A, sempre as mesmas editoras são contempladas, informação que também é admitida no estudo de Mello (2012), que demonstra o domínio de grande parte do mercado por quatro editoras:

> As principais editoras do segmento de livros didáticos são o Grupo Abril (editoras Ática e Scipione), a Moderna, a Saraiva e a FTD, que, juntamente com o governo, se destacam como os principais agentes desse mercado. Outras editoras, como a Positivo, a Editora do Brasil e a Editora IBEP-Nacional, também têm atuação destacada. (MELLO, 2012, p. 436).

Todo esse destaque, para as grandes editoras, dá-se pela estrutura grandiosa em livros didáticos. Há campanha de divulgação e promoção do material nas escolas públicas e privadas. Segundo Mello (2012), o ciclo de transação dos livros didáticos pode atingir até quatro anos, contando desde a produção até o pagamento efetuado pelo governo. Devido ao longo período de negociação, a editora precisa estar bem amparada financeiramente, logo, é mais fácil para grandes editoras, que têm capital maior.

Com base nas pesquisas realizadas pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) disponibilizadas anualmente por meio do relatório *Produção e*

Vendas do Setor Editorial Brasileiro, divulgado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), exploram-se os números de exemplares produzidos para as políticas governamentais, desde a elaboração do PNLL, em 2006.

Tabela 1 – Exemplares para Programas Governamentais (2006-2016)

Ano	Exemplares adquiridos	Variação do ano anterior	Programas atendidos pelo governo
2016	156.794.917	16,49%	PNLD e PNBE
2015	134.594.394	-14,98%	PNLD
2014	158.302.867	-20,97%	PNLD e PNBE e PNAIC
2013	200.307.911	20,41%	PNLD e PNBE e PNAIC
2012	166.355.660	-10,31%	PNLD e PNBE e PNAIC
2011	185.484.459	13,70%	PNLD e PNBE
2010	163.133.158	10,01%	PNLD e PNBE
2009	148.284.584		PNLD e PNBE
Alteração no formato da pesquisa[2]			
2009	142.234.221	16,85%	PNLD e PNBE
2008	121.722.061	-5,60%	PNLD e PNBE
2007	128.939.460	2,89%	PNLD e PNBE
2006	125.312.387		PNLD e PNBE

Fonte: Pesquisa CBL; SNEL; FIPE. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro.* (edições de 2006 a 2016). Elaboração própria.

A tabela revela a quantidade de exemplares adquiridos pelo governo para suprir alguns programas. O recorte foi realizado desde 2006, tendo em vista a criação do PNLL, com intenção de observar a relevância, em quantidade, de material distribuído aos programas governamentais. No entanto, a partir da pesquisa de 2010, os números de exemplares referentes ao ano de 2009 ficaram desencontrados em razão de os valores serem ajustados ao resultado do Censo do Livro.

Verifica-se que em todos os anos do PNLL os programas governamentais investiram em livros para estudantes das escolas públicas. Também fica evidente

[2] Os dados referentes ao período de 2006 a 2009 pertencem a outro formato de pesquisa. A pesquisa Fipe mudou o formato a partir da edição de 2010 e os valores referentes ao ano de 2009 ficaram desencontrados.

que esse número é significativo, mesmo que por alguns anos tenha demonstrado queda em número de exemplares. Para cada ano está presente o setor contemplado: PNLD, PNBE e Plano Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), salientando que o único programa presente em todos os anos é o PNLD.

A importância e a amplitude do PNLD, da mesma maneira que os demais programas instituídos pelo governo, favorecem a aplicação e o sentido do PNLL. O governo, por intermédio dessas ações, leva aos estudantes das escolas públicas acesso à informação, além de movimentar positivamente o mercado editorial. Essa relevância é destacada por Failla (2016, p. 41) ao mencionar que

> Não podemos deixar de reconhecer que o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) tiveram um papel quase revolucionário ao promover a democratização do acesso ao livro e a leitura em nossas escolas e entre os estudantes. Não é por acaso que temos mais leitores entre aqueles que estão cursando o fundamental II. [...]

Outro fator marcante para a economia do livro é a indústria gráfica, a qual é responsável pela impressão dos livros e materiais das editoras. “A maioria das editoras não imprime seus livros em gráficas próprias [...]” (EARP; KORNIS, 2005, p. 36). Isso devido às vantagens e aos custos oferecidos pelas gráficas. Os editores entrevistados confirmam a informação, já que ambos imprimem em gráficas externas. O Editor A acrescenta que o custo é mais em conta, pois para ter uma gráfica própria seria preciso muitas edições. Ele explica que as grandes editoras que tinham gráfica atualmente terceirizam o serviço de impressão.

A distribuição compõe a cadeia produtiva do livro, sendo um elemento essencial para o desempenho e progresso da economia do livro. Conforme Earp e Kornis (2005, p. 43), “[...] A distribuição de livros no Brasil é feita, acima de tudo, por meio de vendas diretas das editoras ao governo e, em seguida, por vendas diretas a livrarias e pela ação de empresas distribuidoras, além de diversas outras formas de menor expressão [...]”. Nessa situação, as distribuições não são realizadas exclusivamente por distribuidoras, em razão de que existe um preconceito velado vindo dos editores e dos livreiros. Assim, as distribuidoras são menos estudadas dentro da cadeia do livro no Brasil.

O Editor B corrobora a afirmação dos autores, demonstrando que a distribuição é a parte mais sensível das editoras, justamente pelos custos elevados.

No caso do Editor B, que atende lugares do Brasil, há uma pessoa responsável pela negociação com distribuidores e transportadores. Então, o Editor B acentua que a parte administrativa necessita estar bem estruturada financeiramente para vencer essa etapa. Além de possuir um catálogo razoável, um exemplo dado é de que, para enviar dez livros ou cem livros para São Paulo, o custo será o mesmo. Então, uma saída é ter catálogo mais diversificado em quantidade de títulos, para a editora reduzir custos de distribuição. Acerca disso, compreende-se como a cadeia produtiva do livro é interligada, uma vez que uma esfera precisa da outra para o seu desenvolvimento individual. Logo, há relação profissional que possibilita aos diferentes setores uma convivência harmônica.

Outro componente importante da cadeia produtiva do livro é o escritor, visto que ele pode conquistar seus leitores e, por isso, ter um consumidor fiel para seus livros. Para a editora, esse contexto é favorável, porque terá um fator positivo para a venda de livros. Os autores com públicos próprios são requisitados pelas editoras, conforme Earp e Kornis (2004, p. 5): "[...] A luta contra o encalhe é feita mediante a busca de autores com público próprio – que por sua vez são mais caros [...]".

Por fim, o livro chega ao público leitor, isto é, ao consumidor. Geralmente, esse é constituído através de escolaridade expressiva, porque, para mais estudos, tem-se mais leitura, investe-se no profissional e no conhecimento em geral. Assim, a idade do leitor não interfere tanto em comparação com a escolaridade. Todo o trabalho constante e insistente dos editores, distribuidores, livreiros, bibliotecários e todos os envolvidos na produção do livro é executado em função do leitor. Os cidadãos estão mais apropriados do conhecimento e entendem a importância da leitura para as atividades diárias e para o crescimento profissional e pessoal.

A SITUAÇÃO DO MERCADO EDITORIAL

Para analisar sobre as vendas de livros no Brasil é imprescindível recorrer aos dados disponibilizados pela CBL, SNEL e Fipe. Anualmente, é realizada a pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro,* conduzida pela Fipe. Com esses resultados atingem-se todos os percentuais movimentados na economia do livro no Brasil quanto à produção de títulos e exemplares, uma vez que a pesquisa "é uma estimativa, elaborada a partir dos dados de uma amostra de editoras, da

performance do setor editorial e de seus subsetores num determinado ano." (CBL; SNEL; FIPE, 2016, p. 2). Portanto, pode-se acompanhar o desenvolvimento do setor e fazer comparativos com os outros anos.

Uma das perguntas da entrevista aos editores questionava quanto à participação da pesquisa. O Editor A diz não a conhecer, por conseguinte, nunca respondeu. Em contrapartida, o Editor B responde anualmente, mesmo não sendo obrigatória, porque ele vê como um recurso importante para o setor livreiro. Além disso, o Editor B mantém-se informado por intermédio dos resultados divulgados pela CBL e SNEL.

A pesquisa ressalta a relevância dos programas governamentais para a manutenção de muitas editoras, visto que é através dessas políticas que alguns subsetores se mantêm aquecidos. A influência das compras realizadas pelo governo é destacada na *Série Histórica* de 10 anos, demonstrando que

> O subsetor de Didáticos é o subsetor mais afetado pelas compras do governo. Em 2011 essas vendas chegaram a representar cerca de 50% do faturamento do subsetor. O segundo subsetor mais afetado é o de Obras Gerais. Contudo, programas como o PNBE possuem regras menos rígidas e em épocas de crise acabam sendo mais suscetíveis a cortes, o que acaba afetando negativamente os resultados desse subsetor. As vendas ao governo não afetam os resultados dos subsetores de Religiosos e de CTP[3]. (CBL; SNEL; FIPE, 2016, p. 5).

A *Série Histórica* de 10 anos compreende os resultados de 2006 a 2015. Logo, faz-se uma análise geral do desempenho do setor livreiro com os dados obtidos em uma década, assim, mostrando o desempenho do mercado. De acordo com esses dados, é reconhecido que a venda de livros se encontra em performance inferior ao PIB brasileiro, sendo este um dos principais problemas identificados.

Os subsetores estão em diferentes patamares. Segundo o estudo, o subsetor de obras religiosas é o que apresentou o melhor desempenho, uma vez que acompanhou a economia. Em segunda posição estão os livros científicos, técnicos e profissionais com crescimento devido ao acesso mais facilitado ao estudo superior. Na terceira posição estão os livros didáticos, que não apresentaram melhora nem piora, mantendo-se no mesmo estágio. E, por último, as obras gerais representam a maior queda em vendas. Diante desses resultados, entende-se que a economia do

[3] CTP: subsetor de livros Científicos, Técnicos e Profissionais.

livro, no Brasil, sofre prejuízos e convive com um momento de crise financeira, além de se constatar uma redução do preço do livro nestes dez anos.

Outra *Série Histórica*, compreendendo os anos de 2006 a 2016, publicada em maio de 2017, expõe dados do mercado livreiro no período de onze anos. A pesquisa anual mais completa sobre o mercado livreiro, portanto, é nomeada como *11 anos de Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro – Desempenho real do mercado livreiro (2006 - 2016)*.

Sobre a dimensão geral do mercado livreiro, nota-se uma queda no mercado quando se observa preços constantes. Por consequência, há uma taxa de crescimento real na maioria das vezes negativa ou igual a zero, tendo seu maior ponto no ano de 2007, com o valor de 1,87. Outro dado é o número de exemplares vendidos, que oscila a cada ano, gerando, um preço médio constante que decai ou se mantém regular. Portanto, esses valores demonstram que o mercado livreiro sobrevive com baixas perspectivas, não manifestando grandes avanços na economia.

Outro ponto relevante são os exemplares vendidos ao governo, afirma-se que, geralmente, há um crescimento de vendas, tanto no que se refere ao número de exemplares, quanto aos valores monetários. Além disso, a participação de vendas ao governo mostra-se com bom percentual.

Tabela 2 – Títulos e Exemplares Produzidos pelas Editoras (2006-2016).

Ano	Títulos	Variação	Exemplares produzidos	Variação
2016	51.819	-1,16%	427.188.093	-4,40%
2015	52.427	-13,81%	446.848.572	-10,87%
2014	60.829	-2,26	501.371.513	7,17%
2013	62.235	8,29%	467.835.900	-3,59%
2012	57.473	-1,24%	485.261.331	-2,91%
2011	58.193	6,28%	499.796.286	1,47%
2010	54.754	24,97%	492.579.094	22,72%

2009	43.814		401.390.391	
Alteração no formato da pesquisa[4]				
2009	52.509	2,70%	386.367.136	13,55%
2008	51.129	13,39%	340.274.195	-3,17%
2007	45.092	-2,03%	351.396.288	9,59%
2006	46.025		320.636.824	

Fonte: Pesquisa CBL; SNEL; FIPE. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro.* (edições de 2006 a 2016). Elaboração própria.

Sob uma visão geral, acerca das produções realizadas pelas editoras, a tabela demonstra as oscilações sofridas desde 2006, ano em que o PNLL foi criado. Por meio da análise destes dados retirados da pesquisa *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, observa-se que nos últimos três anos a produção de títulos vem diminuindo, enquanto a produção de exemplares apresentou decadência somente nos dois últimos anos. Logo, os anos de 2013 e 2014 são os pontos altos de títulos e de exemplares produzidos, respectivamente.

Os títulos evidenciam maior variação no decorrer dos anos, dificilmente mantendo uma estabilidade. Nota-se essa discrepância, por vezes bastante considerável, de um ano para o outro, pelas incidências de variação referente aos anos de 2008, 2010 e 2015, as quais ultrapassam os dez pontos percentuais. Em contraponto, outros anos mantêm diferenças de um ou dois pontos percentuais, ou seja, com uma alteração pouco significativa.

Ao analisar o número de exemplares produzidos, observa-se uma variação diversificada. Dessa forma, as variações flutuam por diferentes casas decimais, comprovando uma dificuldade em se prever os próximos resultados. Entretanto, acerca dos dois aspectos atendidos pela tabela, não há nenhuma queda ou aumento que ultrapasse a metade do valor produzido.

Portanto, por mais que as quedas ou aumentos existam com o passar dos anos, independentemente dos momentos de crise, os resultados obtidos ainda não colocam em risco a história e a estrutura das editoras brasileiras. Na situação em que se encontra o Brasil no que se refere ao meio editorial, confirma-se a importância dos livros na vida dos cidadãos. Mesmo com tanta tecnologia, os livros

[4] Os dados referentes ao período de 2006 a 2009 pertencem a outro formato de pesquisa. A pesquisa Fipe mudou o formato a partir da edição de 2010 e os valores referentes ao ano de 2009 ficaram desencontrados.

não perderam espaço, e, por mais difícil que seja enfrentar uma crise econômica, ele se mantém como bem necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e o livro estão sempre em discussão e faz-se fundamental que este tema seja renovado, pois são um meio para que a nação consiga avançar. Um país composto por leitores tem como lutar pelo seu progresso. Então, deve-se reconhecer o quão essencial é o PNLL para o desenvolvimento do Brasil. O Plano combina diferentes departamentos e estabelece critérios para a promoção do livro e da leitura, com preceitos fortes. Apesar disso, devido às transições de governos e à falta de continuidade em projetos, busca-se que essa iniciativa tenha espaço e divulgação, sendo necessário que se efetuem ações concretas.

O governo é um dos maiores investidores do livro no Brasil, principalmente, em se tratando de livro didático e obras gerais, tendo uma participação expressiva no mercado editorial. Isso demonstra que até 2016 havia certa responsabilidade e preocupação com a educação, possibilitando o acesso aos diferentes instrumentos para a educação básica, garantindo qualidade no material utilizado no ensino público.

No que diz respeito à economia do livro, quarto eixo do PNLL, constata-se que o governo comprou mais exemplares no ano de 2016, comparado ao ano de 2015, uma vez que atendeu aos dois programas governamentais relevantes para o meio editorial: PNLD e PNBE. Porém, em valores monetários, o mercado editorial faturou menos no ano de 2016, tendo como base o ano anterior, e, em virtude dessas circunstâncias, as editoras produziram menos títulos e menos exemplares. Com isso, observa-se como a economia do mercado editorial está sofrendo ajustes e tentando se adaptar à crise econômica que predomina.

De acordo com as entrevistas realizadas, pode-se estabelecer um conhecimento específico das editoras do interior e seu posicionamento perante a cadeia produtiva do livro, enriquecendo o estudo. Verificou-se que elas não possuem abertura para concorrer com grandes editoras, e, mesmo que tentem inscrever livros nos programas governamentais, veem poucas chances ou praticamente nenhuma. Por isso, sustentam-se promovendo seus livros com o foco voltado ao leitor.

Um fato relevante é o interesse e a disponibilidade dos editores em promoverem o livro e a leitura na sua cidade (Caxias do Sul). Dessa maneira, colocam em prática ideias propostas pelo PNLL, desenvolvendo atividades que aproximam o leitor do ambiente literário. Além dessa interação, os editores estão envolvidos nos diferentes eventos oferecidos e participam ativamente dos órgãos que compõem a cadeia produtiva do livro. Logo, estão comprometidos com a formação profissional de editor.

ABSTRACT: The present study analyzes the objectives, guiding principles and axes of action of the National Book and Reading Plan (PNLL), observing the relationship with the publishers. To justify the proposed actions, it was based on the PNLL Report (2014), which brings the history and performance of the Plan over the years. Thus, the fourth axis, which deals with the economy of the book, was investigated in order to ascertain directly the publishing sector. As instruments, two editors were interviewed to understand how the application of the National Book and Reading Plan, which has more than a decade, is present in the smaller publishers of the interior of the state. In this sense, we explore the publishing market and the book production chain under the studies of Earp and Kornis (2004; 2005). Faced with this situation, we reflect on the importance of reading and the reader, which are directly associated with the book.

KEYWORDS: Reading. PNLL. Book Economics.

REFERÊNCIAS

BELO, Roberto. Políticas públicas de incentivo ao livro, leitura e literatura. In: *Cadernos de Letras da UFF.* Dossiê: A crise da leitura e a formação do leitor, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, nº 52. 2016. p. 183-203. Disponível em: http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/view/164/123. Acesso em: 12 ago. 2017.

BRASIL. *Decreto n.º 7.559, de 1º de setembro de 2011*, Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL e dá outras providências. 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm. Acesso em: 2 jul. 2017.

CADERNO DO PNLL: Edição atualizada e revisada em 2014. Ministério da Cultura. Brasília: MinC. 2014. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660. Acesso em: 03 jun. 2017.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CBL; SNEL; FIPE. *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro* (edições de 2006 a 2016). São Paulo. 2007-2017. Disponível em: http://cbl.org.br/downloads/fipe. Acesso em: 10 jul. 2017.

CBL; SNEL; FIPE. *Desempenho do mercado livreiro:* uma análise de 10 anos da pesquisa produção e vendas do setor editorial brasileiro. São Paulo. 2016. Disponível em: http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/08/10-ANOS-PESQUISA_Fipe.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

CBL; SNEL; FIPE. *Desempenho Real do Mercado Livreiro.* São Paulo. 2017. Disponível em: http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2016/08/S%C3%A9rie-Hist%C3%B3rica-Fipe-2006_2016.pdf. Acesso em: 10 jul. 2017.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. *A economia do livro:* a crise atual e uma proposta de política. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ. 2004. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/images/pesquisa/publicacoes/discussao/2005/a_economia_do_livro_a_crise_atual_e_uma_proposta_de_politica.pdf. Acesso em: 14 jul. 2017.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva do livro.* Rio de Janeiro: BNDES. 2005. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/ebook/ebook.pdf. Acesso em: 14 jul. 2017.

FAILLA, Zoara. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

MELLO, Gustavo. *Desafios para o setor editorial brasileiro de livros na era digital.* BNDES Setorial 36, Rio de Janeiro. p. 429-473. 2012. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/1486/1/A%20set.36_Desafios%20para%20o%20setor%20editorial%20brasileiro%20de%20livros%20na%20era%20digital_P.pdf. Acesso em: 13 ago. 2017.

NIELSEN; SNEL. *Painel das Vendas de Livros no Brasil*: Resultados: 2017 X 2016. 2017. Disponível em: http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2015/04/SNEL-07-2017-07T.pdf. Acesso em: 04 set. 2017.

ORGANIZAÇÃO DE ESTADOS IBERO-AMERICANOS. *PNLL en foco*: 10 anos do desenho e implementação do Plano Nacional do Livro e Leitura. IBERLECTURA. 2017. Disponível em: http://oei.org.ar/new/wp-content/uploads/2017/04/foco-PNLL.pdf. Acesso em: 11 jul. 2017.

PAULANI, Leda Maria. Leitura e mercado de livros no Brasil: os resultados de duas diferentes pesquisas. In: FAILLA, Zoara. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. p. 127-140. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf. Acesso em: 28 ago. 2017.

Artigo recebido no 1º semestre de 2022.
Artigo aprovado no 2º semestre de 2022.